

CRÍTICA.

A OBRA DE GILBERTO FREYRE EXAMINADA À LUZ DA GEOGRAFIA

AROLDO DE AZEVEDO

O presente estudo foi elaborado em 1959, como parte de um conjunto destinado a comemorar o 25º aniversário do aparecimento da obra "Casa Grande & Senzala", do grande Mestre da Sociologia brasileira.

Foi MAX. SORRE quem, em obra recente, aconselhou aos geógrafos a voltarem-se, cada vez mais, para os sociólogos, procurando conhecer profundamente suas obras e seus esforços no sentido da adaptação às condições do Mundo atual (1).

Difícilmente poderíamos encontrar melhor oportunidade, do que a presente, para seguir êsse judicioso conselho, já que a obra de GILBERTO FREYRE é repleta de observações, de fatos e de interpretações do mais alto interesse para a Geografia. Seus estudos de Sociologia e, em particular, os de Antropologia Social são de leitura obrigatória para todos os geógrafos brasileiros bem esclarecidos, porque contêm ensinamentos de real utilidade para o melhor entendimento das relações entre o homem e o meio físico, como para a exata compreensão dos problemas referentes à população, à colonização e ao povoamento, às cidades, ao "habitat" rural, à Geografia Agrária e Econômica e à própria Geografia Regional, vale dizer, praticamente todo o vasto campo de ação da moderna ciência geográfica, exceção feita da Geografia Física pura.

O meio físico. — O *meio físico*, o quadro natural em que o homem vive e se move, está quase sempre presente na obra de GILBERTO FREYRE, através das observações ligadas à Ecologia Humana. Encontramo-lo, bem vivo e atuante, em "Nordeste", sem dúvida o mais geográfico de seus estudos, cujo exame faremos mais além, embora seja conveniente lembrar, desde já, que suas bases repousam no complexo terra-água-vegetação.

Em "Casa-Grande & Senzala" encontramos-lo, também, sobretudo através de um dos elementos que o conformam — o *clima*.

(1) SORRE (Max.) — *Rencontres de la Géographie et de la Sociologie*, ed. Marcel Rivière, Paris, 1957.

Suas influências sobre a vida humana são devidamente analisadas, embora sem admitir sua tirania, nem exagerar-lhe a importância, uma vez que o homem pode defender-se de seus efeitos. Estuda o clima brasileiro, o clima "cru e quase todo-poderoso aqui encontrado pelo português em 1500" (2), como lembra os contrastes que apresenta, na vasta extensão do país.

Todavia, como é de se esperar, o principal tema abordado nessa obra é o referente às *influências sociais* do fator climático: sobre a vida sexual, a degenerescência, o caráter racial, o vestuário, a arquitetura das casas-grandes e em suas relações com a monocultura canavieira.

Naturalmente, o problema da *aclimatabilidade* também mereceu, em "Casa-Grande & Senzala", particular atenção: a fácil adaptação do negro africano ao nosso clima, bem ao contrário do que acontece com os povos nórdicos; e, sobretudo, a aclimação dos portugueses ao clima tropical —tema que levaria GILBERTO FREYRE, em seguida, à sua original conceituação do que denominou de *Luso-tropicologia*, discutível como ciência autônoma, mas aceitável como testemunho de um novo tipo de cultura, criado pela gente lusa em contato com os trópicos; tese bem desenvolvida em duas conferências que figuram em "Um Brasileiro em Terras Portuguesas" e comprovada nas páginas de "Aventura e Rotina".

A população. — Incomparavelmente maior e mais profunda é a contribuição trazida por GILBERTO FREYRE ao estudo da *população*, tomada a palavra em seu mais amplo sentido. Nada mais lógico, desde que suas preferências voltam-se para a Antropologia Social.

Os *problemas étnicos*, no que podem interessar à Geografia, aparecem abordados em suas múltiplas facetas. Em "Problemas Brasileiros de Antropologia" estuda a complexidade do Brasil sob o ponto de vista antropológico. Mas é, notadamente, em "Casa-Grande & Senzala" e em "Sobrados e Mucambos" que o assunto aparece largamente tratado: o problema da superioridade e da inferioridade das raças humanas, as relações raciais, a segregação e a amalgamação das raças, a miscigenação ou a mestiçagem (estudadas em si mesmas, como em suas relações com a vida social e em sua sistemática). Também os estuda em "Interpretação do Brasil", ao analisar a formação do povo brasileiro, em "Ordem e Progresso", quando se refere à República de 89 e a ordem étnica, e em "O Mundo que o Português criou", ao examinar a influência da mestiçagem sobre as relações sociais e de cultura entre portugueses e luso-descendentes.

(2) FREYRE (Gilberto) — *Casa-Grande & Senzala*, vol. I, pág. 100.

Entre os *tipos étnicos*, o negro africano ocupa lugar de excepcional destaque em "Casa-Grande & Senzala", onde é analisado em suas diferenças etno-culturais (em Pernambuco e na Bahia), sob o regime da escravidão, em suas relações com a lavoura canavieira e em sua contribuição à cultura brasileira. Já os negros oriundos da Bahia e fixados na África, numa viagem de retorno, vêem-se particularmente estudados num dos capítulos de "Problemas Brasileiros de Antropologia".

Outros tipos humanos também aparecem focalizados em "Casa-Grande & Senzala": o ameríndio, através das marcas deixadas na área canavieira de Pernambuco; os semitas, os mouros, os holandeses e os italianos. Os ingleses receberam tratamento especial em "Ingleses no Brasil", devendo sua influência em nossa civilização ser examinada, com maiores minúcias, em novos estudos que o autor anuncia. De outra parte, certos tipos de brasileiros foram objeto de observações quanto às suas características próprias e ao seu papel na vida nacional: pernambucanos, baianos e fluminenses, em "Casa-Grande & Senzala"; paulistas, nesta obra, como em "Problemas Brasileiros de Antropologia"; e gaúchos, em "Região e Tradição". Resta lembrar alguns personagens-tipos de nosso país, sobretudo o "senhor de engenho", personagem central de "Casa-Grande & Senzala", e os "mascates", focalizados em "Sobrados e Mucambos".

Também de interesse geográfico são as páginas dedicadas às *culturas*, em seu sentido sociológico, quer em "Casa-Grande & Senzala", como em "Sobrados e Mucambos": áreas de cultura (também estudadas em "Problemas Brasileiros de Antropologia"), antagonismos e choques de culturas, seus contatos, suas formas, a cultura africana, a cultura árabe e moura, a cultura ameríndia, a cultura mestiça e a nossa cultura.

De não menor interesse são as páginas em que GILBERTO FREYRE estuda o problema das *classes sociais* e da *vida familiar*, em "Casa-Grande & Senzala" e em "Sobrados e Mucambos": a sociedade colonial, as classes sociais, os senhores pernambucanos, os aristocratas da Bahia, o patriarcalismo.

A *religião* e sua variada influência na vida social, do mesmo modo que o Catolicismo e a unidade brasileira, são temas que figuram em "Casa-Grande & Senzala".

Os *tipos de habitação*, particularmente a *casa*, podem ser considerados a pedra-angular da obra de GILBERTO FREYRE, porque, segundo suas próprias palavras, "o centro de interesse para o nosso estudo de choques entre raças, entre culturas, entre idades, entre côres, entre os dois sexos"... "continúa a ser a casa — a casa maior em relação com a menor, as duas em relação com a rua, com

a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar" (3). É êsse o grande campo de ação de "Casa-Grande & Senzala" e de "Sobrados e Mucambos", como o será, em sua derradeira expressão, "Jazigos e Covas Rasas", ainda por publicar. Daí o farto material que o geógrafo encontra, em sua grande obra, em relação a tais elementos da paisagem, rural ou urbana: a casa-grande, com seus complementos indispensáveis — a capela e a senzala; o sobrado, o mucambo, o "cortiço" — estudados em sua estrutura, em suas funções, em sua intimidade. Neste particular, merece referência especial a monografia intitulada "Mucambos do Nordeste" (Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil), editada pelo Ministério da Educação e Saúde.

O *temperamento humano* ou as relações da personalidade com o meio são temas sempre presentes na obra de GILBERTO FREYRE; no entanto, em "Problemas Brasileiros de Antropologia" aparecem focalizados sob um ângulo novo, pois procura aplicar a exemplos brasileiros as distinções entre o tipo "apolíneo" e o tipo "dionisiaco".

A *alimentação* e seus problemas vêm-se largamente tratados sobretudo em "Casa-Grande & Senzala", mas também em "Sobrados e Mucambos" e "Região e Tradição": os sistemas de alimentação, a alimentação do colonizador português, as deficiências da alimentação e sua pobreza, as influências africanas e a cozinha afro-brasileira, as influências ameríndias, a alimentação nas casas-grandes e nas senzalas, o regime alimentar em Pernambuco e em São Paulo, as influências regionais e da tradição sobre a cozinha brasileira.

E o próprio *vestuário*, em suas múltiplas correlações, particularmente em suas influências africanas na Bahia, vê-se estudado, de maneira especial em "Casa-Grande & Senzala".

A *colonização e o povoamento*. — A *colonização portuguesa* no Brasil ocupa largo espaço em "Casa-Grande & Senzala", encarada sob numerosos ângulos de evidente interesse geográfico: a diversidade dos elementos colonizadores, o problema da escassez dos colonos, as dificuldades inicialmente enfrentadas pelos portugueses, o caráter híbrido e escravocrata dessa colonização, seus métodos aristocráticos, suas tendências rurais ou agrárias, os rumos que a nortearam, a vitória final, seu espírito de unidade, suas relações com a miscigenação e com a economia açucareira, seu confronto com outros tipos de colonização (a espanhola, a francesa, a inglesa).

Em "Interpretação do Brasil" e em "Problemas Brasileiros de Antropologia" são estudados aspectos essenciais do *povoamento*: os antecedentes europeus de nossa formação, o contraste entre o

(3) FREYRE (Gilberto) — *Sobrados e Mucambos*, vol. I, pág. 17.

povoamento sedentário das "plantações" e o povoamento errante do Bandeirismo, as características unitárias e diversificadoras de nossa formação, os conceitos de Nação e de Região, as condições étnicas e sociais do Brasil atual, as características contrastantes de "continente" e de "ilha" que continuam a presidir ao povoamento de nosso país.

As cidades. — Em curta mas sugestiva comunicação intitulada "Geografia Urbana", apresentada perante o IX Congresso Brasileiro de Geografia (Florianópolis, 1940), GILBERTO FREYRE demonstrou a importância que apresenta o estudo das *cidades* para a Geografia moderna, relembrando pesquisas levadas a efeito nos Estados Unidos, na Alemanha, em França e em nosso próprio país, para concluir por um apêlo dirigido ao Conselho Nacional de Geografia, no sentido de empreender ou estimular a publicação de uma série de monografias urbanas, dado o interesse rigorosamente científico da Geografia Urbana, como seu interesse prático, tendo em vista os problemas de planejamento, de urbanismo e de turismo.

"Sobrados e Mucambos", por outro lado, constitui, antes de mais nada, um estudo sociológico (e, muitas vezes, geográfico) da *vida urbana*, em suas evoluções como em sua própria estrutura e seus problemas: localização e sítio das cidades brasileiras, seus embriões, as características urbanas, suas ruas e praças, os sobrados aristocráticos e os humildes mucambos, o problema do abastecimento. Em "Região e Tradição", estudou-a num século de transição (1825-1925) em relação ao Nordeste, como em suas influências regionais e tradicionais. Em "Problemas Brasileiros de Antropologia" apresenta úteis sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul. E em "Mucambos do Nordeste" focalizou, como já vimos, tais tipos primitivos de habitações urbanas de certas cidades nordestinas.

A cidade do *Recife* mereceu, como é natural, particular atenção do Mestre consagrado, em numerosas páginas de "Sobrados e Mucambos" e, em particular, no "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife" — obra que, sem ser de Geografia Urbana pura, mostra ao leitor numerosos aspectos geográficos da metrópole do Nordeste: o clima, a população, a fisionomia das ruas e das pontes, as igrejas, os mercados, as feiras e os vendedores ambulantes, o velho e o novo pôrto.

Em "Olinda — 2.º Guia Prático, Histórico e Sentimental de cidade brasileira", a veneranda cidade de *Olinda* aparece descrita em seu quadro natural (situação, o rio Beberibe, o mar, as praias, a topografia, o clima), em sua vida em contato com o oceano (jangadas e jangadeiros, barcaças e canoas), em sua evolução, nas

habitações mais típicas (velhas casas, sobrados), em suas funções (igrejas e conventos, papel cultural).

Todavia, em "Sobrados e Mucambos" outras cidades foram examinadas, com maior ou menor profundidade, notadamente *Rio de Janeiro*, *Salvador* e *São Paulo*; da mesma forma que *Porto Alegre* foi analisada em sua evolução urbana e no papel que representa, em "Problemas Brasileiros de Antropologia".

O "habitat" rural. — Em "Casa-Grande & Senzala" é que vamos encontrar os maiores subsídios para o estudo do "habitat" rural na região canavieira do Nordeste, tendo como símbolos a *casa-grande* e a *senzala*, que representam, de acordo com o próprio autor, um sistema econômico, social e político, de produção, de trabalho, de transporte, de religião, de vida sexual e de família, de higiene do corpo e da casa, de política (4). Encontrámo-las analisadas em sua arquitetura, em seus tipos principais, em suas relações com a vida patriarcal e com o sistema econômico de que foram o centro (o "triângulo" do açúcar), em suas influências sobre o caráter, no seu privatismo, em sua história social, em suas modalidades e exemplos regionais (Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo).

Entretanto, GILBERTO FREYRE encarou o tema também sob um prisma mais amplo, ao estudar as *inter-relações* entre homens, terras e águas na formação agrária do Brasil, em páginas de "Problemas Brasileiros de Antropologia".

Geografia Agrária e Econômica. — Tomando como tema principal de sua obra o estudo de um tipo de economia patriarcal, de base agrária, GILBERTO FREYRE escreveu inúmeras páginas de vital interesse para a compreensão da *vida rural* na Zona da Mata nordestina, sobretudo em "Casa-Grande & Senzala", mas também em "Sobrados e Mucambos": estuda a *monocultura latifundiária*, como sistema econômico e em seus efeitos sociais, em suas repercussões na formação brasileira, em suas relações com a raça e o meio físico, a alimentação.

A *monocultura canavieira* e a *indústria do açúcar*, em particular, são estudadas, em ambas as obras citadas, através de seu centro vital — o *engenho*, e nos seus aspectos marcantes: a zona favorável à *cana de açúcar*, sua cultura, seus efeitos sobre a aristocratização da sociedade regional, sua posição na riqueza colonial, sua instabilidade como bem de produção, a indústria açucareira, as usinas, suas relações com a pecuária; sem deixar no esquecimento as *lavouras de subsistência*. Em "O Mundo que o Português criou",

(4) FREYRE (Gilberto) — *Casa-Grande & Senzala*, vol. I, pág. 24.

focaliza o Nordeste e seus pontos de contato com outras áreas americanas especializadas na produção do açúcar.

Embora centralizando suas atenções na Zona da Mata nordestina, GILBERTO FREYRE não deixou de fazer comparações com outras áreas produtoras do país, de maneira especial a Bahia (engenhos, latifundiários, antagonismo entre a agricultura e a pecuária), mas também Minas Gerais (técnica econômica) e São Paulo (técnica econômica, regime da pequena propriedade, cultura do café).

Em "Ordem e Progresso", GILBERTO FREYRE aborda os progressos e as características da *ordem econômica* e a *evolução industrial*, registrados nos primeiros anos do regime republicano.

Mas, em "Sobrados e Mucambos", o geógrafo encontra subsídios para vários setores da *Geografia Econômica*: os ofícios, as fábricas, as indústrias e sua maquinaria, as estradas, a atividade bancária, o comércio.

Geografia Regional. — O tema *região* acha-se quase sempre presente entre as cogitações de GILBERTO FREYRE. Vamos encontrá-lo em "Sobrados e Mucambos", em "Região e Tradição" (nas suas relações com a cozinha e com a casa, como já foi lembrado) e, sobretudo, em "Problemas Brasileiros de Antropologia", onde examina as áreas culturais e outros tipos de áreas, inclusive as geográficas.

Todavia, o estudo em que a Geografia Regional mais sensivelmente aparece, pelo menos no espírito, senão no método, é "Nordeste" (Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil), verdadeiro estudo regional do *Nordeste açucareiro*, tão diferente do "outro Nordeste", de clima semi-árido, com suas caatingas e sua economia pastoril. Trata-se de uma obra, cujo centro de interesse é "o homem, fundador de lavoura e transplantador e criador de valores à sombra da agricultura, ou antes, da monocultura da cana. O homem colonizador, em suas relações com a terra, com o nativo, com as águas, com as plantas, com os animais da região ou importados da Europa ou da África" (5). "É principalmente como ensaio quase impressionista que "Nordeste" deve ser lido. Que "Nordeste" deve ser aceito. Uma aventura de impressionismo a seu modo ecológico, em que estatísticas e números foram quase esquecidos, para que as formas da região emergissem de seu passado turvo e de sua confusão atual, mais sentidas, vistas e, até certo ponto, compreendidas e interpretadas pelo autor, do que descritas e medidas por ele, dentro de rigorosa objetividade biométrica ou estatística" (6).

(5) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, pág. 11.

(6) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, pág. 22.

Sem a menor dúvida, é a mais geográfica das obras do Mestre pernambucano. Em seu cap. I, estuda a cana de açúcar e a *terra*, “terra gorda e de ar oleoso”, “pegajenta e melada”, terra “do massapê, da argila, do humus gorduroso”, tão diferente do Sertão, “de terra dura, de areia sêca” (7). No cap. II, analisa as relações entre a cana e a *água*, que, na região, “foi e é quase tudo” (8), que fez ali desenvolver-se “o complexo do rio entre a gente mais ilustre do Nordeste” (9), que torna perenes os rios da Zona da Mata, que permitiu o aparecimento do “triângulo” tradicional — a casa-grande, a capela e o engenho. O cap. III é dedicado às relações entre a cana e a *mata*, outrora tão abundante que justificou o nome da região, mas hoje quase inexistente, devido à lavoura canavieira e à necessidade de alimentar os engenhos e as usinas modernas. No cap. IV, a cana vê-se estudada em suas relações com os *animais* — o cavalo do “senhor de engenho”, um dos motivos de seu orgulho, como o boi, “aliado fiel do escravo africano no trabalho agrícola, na rotina da lavoura de cana, na própria indústria do açúcar”, constituindo ambos “o alicerce vivo da civilização do açúcar” (10), mas também a cabra e outros animais, amigos ou inimigos do homem. Nos cap. V e VI, finalmente, examina as relações entre a cana e o *homem* — o “senhor de engenho”, os negros de sua senzala, os mulatos nascidos à sombra da casa-grande, em suas alegrias e em seus sofrimentos, na intimidade de sua vida sob o regime patriarcal.

São páginas de Geografia retrospectiva, de Geografia Regional, porque focalizam os traços marcantes de uma área geograficamente bem definida, e de Geografia Humana, porque o homem está sempre nelas presente, em suas múltiplas relações com o meio.

Concluindo. — Em sua obra multiforme, rica e de valor inestimável, GILBERTO FREYRE jamais cogitou em fazer Geografia pura. Todavia, como antropólogo social, contribuiu e vem contribuindo, de maneira poderosa e marcante, para o melhor conhecimento da geografia do Nordeste e para a mais exata interpretação e compreensão de suas características e de seus problemas geográficos, como procuramos demonstrar nestas páginas singelas.

Seus livros, por isso mesmo, são de consulta obrigatória para os geógrafos da moderna geração. Ocupam, na Bibliografia geográfica brasileira, um lugar especial, que muito honra o Mestre que todos admiramos.

(7) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, págs. 36 e 37.

(8) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, pág. 58.

(9) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, pág. 69.

(10) FREYRE (Gilberto) — *Nordeste*, pág. 137.

OBRAS DE GILBERTO FREYRE CITADAS

1. *Casa-Grande & Senzala* (Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal) — 2 volumes, 4.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1943.
2. *Sobrados e Mucambos* (Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano) — 3 volumes, 2.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1951.
3. *Ordem e Progresso* (Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre — Aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República) — 2 volumes, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1959.
4. *Interpretação do Brasil* (Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas) — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1947.
5. *Problemas Brasileiros de Antropologia* — 2.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1959.
6. *Região e Tradição* — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1941.
7. *Nordeste* (Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil) — 2.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1951.
8. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* — 2.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1942.
9. *Olinda* (2.^o Guia, Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira) — 2.^a edição, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1944.
10. *O Mundo que o Português criou* (Aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas) — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1940.
11. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (Introdução a uma possível luso-tropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico) — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1953.
12. *Aventura e Rotina* (Sugestões de uma viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação) — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1953.
13. *Inglêses no Brasil* (Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil) — Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1948.
14. *Mucambos do Nordeste* (Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil) — Ed. Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, s/data.
15. *Geografia Urbana* — Em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. III, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1944.